

Editorial

COMO SE DÁ o *progresso* no campo de estudos em Comunicação? E qual o papel das revistas científicas nessa questão? Essas duas questões podem ser, evidentemente, inter-relacionadas, mas é necessário que, em primeiro lugar, tenhamos estabelecido o que se deve entender por *progresso*.

Há alguns anos, em artigo a **MATRIZes**, Fuentes (2014: 95) recorreu a uma fala do teórico Robert Craig, sobre o estado das Teorias da Comunicação, para formular seu entendimento sobre essa noção:

Penso no “progresso” em termos de um modo de conversação ou de diálogo. O campo avança da mesma maneira que uma conversação progride, o que não significa necessariamente que esteja se dirigindo até algum ponto ou ideal. Ao entrarem novas vozes na conversação, ao dizer-se coisas que são respondidas, a conversação se desenvolve e acumula uma história compartilhada, que se converte num ponto de referência.

A definição de progresso como diálogo e debate tem nas formas de comunicação da ciência e, portanto, nas revistas um meio privilegiado.

Essa reflexão vem à mente ao percorrermos os artigos deste número de **MATRIZes**. São trabalhos que dão prolongamento a discussões dos estudos em Comunicação, situam-se criticamente em relação a debates mais ou menos recentes da área, abrem novas frentes de investigação ou *conversações*.

Assim, no texto que abre o Dossiê, “**O que você diz de toda a minha falácia está errado**”: sobre o *determinismo tecnológico*, John Durham Peters desenvolve uma erudita história intelectual do conceito, fazendo o alerta de que, principalmente nos dias de hoje, limitar a investigação sobre a *tecnologia* por restrições ao determinismo pode ser contraproducente. Peters não é

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i2p7-10>

V.11 - Nº 2 maio/ago. 2017 São Paulo - Brasil editorial p. 7-10

MATRIZes

determinista, assinala críticas a que esse conceito faz jus. Contudo, observa: “O abuso não arruína o uso. A questão é colocada particularmente para o meu próprio campo de estudos de mídia [...]. Se explicações cuidadosas do papel decisivo da mediação tecnológica são descartadas, a razão de ser do campo é prejudicada”. Vale a pena destacar, em termos da conversação em progresso sobre o tema em **MATRIZes**, a publicação recente do texto de Van Djick (2017) sobre as implicações da datificação na ciência e na sociedade, bem como os debates, abrigados pela revista, de pesquisadores brasileiros sobre a crítica à tecnologia (Lemos, 2015, 2016; Rüdiger, 2015).

Dando continuidade ao **Dossiê**, em **Comunicação gerativa: um diálogo com Oliver Sacks**, José Luiz Braga apresenta um texto inovador que expõe e debate aspectos da obra de Sacks que podem colaborar para suas reflexões propriamente voltadas à Comunicação. No estudo da situação-limite da surdez, nota “a potencialidade gerativa da comunicação e a necessidade constante, no ambiente humano, de assegurar condições favoráveis para seu florescimento”. Assim, o autor oferece um prolongamento dos debates da Comunicação na trilha recém-aberta pelo trabalho.

Na sequência, o artigo **Desafios e dilemas da institucionalidade cultural no Brasil**, de Antonio Albino Canelas Rubim, discute o desenvolvimento das reflexões sobre as políticas culturais no país, linha de pesquisa que tem como referência central o próprio autor, com trabalhos já publicados por **MATRIZes** (Rubim, 2009). Ainda no **Dossiê**, Tito Vagni, em **Mídia e representação do cinismo no drama político**, dá continuidade ao debate sobre o caráter representacional dos produtos midiáticos, ou seja, a capacidade dos mesmos expressarem mudanças sociais de longa duração. Recorrendo a uma tradição sociológica de estudos sobre o cinismo, o autor observa como relações cínicas caracterizam os personagens da série televisiva *House of Cards*.

A inovação temática, no âmbito de fenômenos que se relacionam às mídias sociais digitais, caracteriza os dois últimos artigos do **Dossiê: Biopolítica feminista e estéticas subversivas**, de Ivana Bentes, e **Memes, menomas e LOLs: expressão e reiteração a partir de dispositivos retóricos digitais**, de Eduardo Villanueva-Mansilla. No primeiro trabalho, a autora operacionaliza os conceitos de Beatriz Preciado sobre “tecnologias do gênero” e “contrassexualidade” na análise das performances digitais da artista e ativista Aleta Valente, associada a um “pós-feminismo”. Já o artigo sobre memes faz uma reflexão sobre os aspectos que caracterizam essas peças de comunicação, elaborando uma proposta de compreensão mais adequada.

Na **Entrevista** desta edição, realizada por Carolina Mattos com a pesquisadora Rosalind Gill, a temática do feminismo volta a ser discutida, sendo

também abordados pontos como a importância e os desafios da pesquisa em comunicação e gênero, os modos como as mulheres são representadas pela mídia e o papel das novas tecnologias nos movimentos transnacionais de mulheres em diferentes partes do mundo.

Os textos da seção **Em Pauta** podem ser divididos em três blocos temáticos: artigos que abordam o jornalismo e a imprensa; o universo audiovisual e a comunicação política. O artigo que abre a seção, **Proposta teórico-metodológica para a pesquisa de objetos no jornalismo**, de Elizabeth Saad Corrêa e Stefanie Carlan da Silveira, como o próprio título indica faz parte do primeiro grupo, embora também possa ser entendido como a reflexão sobre como as novas formas técnicas afetam os objetos comunicacionais, particularmente no que diz respeito às transformações decorrentes da digitalização. O artigo de Marcos Paulo da Silva, **Apontamentos sobre a contribuição da sociologia das formas de Franco Moretti para os estudos em jornalismo**, parte de propostas do influente crítico literário italiano para refletir sobre possíveis contribuições teórico-metodológicas para os Estudos em Jornalismo derivadas desse diálogo interdisciplinar. Já o texto **Em torno da crítica literária em jornal: sobre Lima Barreto e José Veríssimo**, de Rachel Bertol, analisa a relação do crítico-literário José Veríssimo com o escritor Lima Barreto, por meio de uma nova abordagem, utilizando a crítica jornalística para matizar compreensões anteriores sobre a relação entre os dois autores.

No âmbito da análise audiovisual, Laura Pousa apresenta, em **Outra abordagem à série espanhola *Cuéntame cómo pasó*: os episódios especiais**, uma detalhada análise dessa conhecida série ficcional-histórica, com foco em episódios produzidos em formato próprio, assumindo o caráter de *especial*, e que desenvolvem intensa autorreferencialidade em relação ao universo da série. No artigo **Entre a chegada e a partida: reciclagens do cinema doméstico no filme-ensaio**, de Rafael de Almeida, a questão das fronteiras entre o real e o ficcional também adquire relevo na discussão sobre o *filme-ensaio* e na análise dos filmes *Otto* (Cao Guimarães, 2012) e *Elena* (Petra Costa, 2012).

Por sua vez, o artigo **A indecisão consciente: análise qualitativa da indecisão eleitoral no pleito estadual de 2014**, de Luiz Signates, combina o estudo teórico da categoria de *indecisão política* com pesquisa empírica com eleitores, e o autor afirma que há uma forma, sendo necessário conhecer mais, de indecisão resultante da percepção crítica e negativa dos processos políticos e, principalmente, de seus resultados, em termos de realização do Estado democrático no cotidiano dos cidadãos. Com efeito, esse é mais um texto que *abre* conversações.

Concluindo esta edição da Revista, a seção **Resenhas** apresenta o texto **Profunda análise da relação política e *media***, de Élmano Ricarte, que faz uma

apreciação do recente livro de Rita Figueiras *A mediação da política na era das redes sociais*, tema de grandes debates na atualidade.

Desejamos uma boa leitura a todos. ■

REFERÊNCIAS

- FUENTES NAVARRO, R. Comunicação e dupla hermenêutica: convergências entre disciplinas científicas e profissões. *MATRIZes*, v. 8, n. 2, p. 79-100, jul./dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i2p70-100>
- LEMONS, A. A crítica da crítica essencialista da cibercultura. *MATRIZes*, v. 9, n. 1, p. 29-51, jan./jun. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v9i1p29-51>
- _____. Contra a crítica abstrata. Tréplica a Francisco Rüdiger. *MATRIZes*, v. 10, n. 1, p. 67-90, jan./abr. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v10i1p67-90>
- RUBIM, A. A. C. Políticas culturais e novos desafios. *MATRIZes*, v. 2, n. 2, p. 93-115, jan./jun. 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v2i2p93-115>
- RÜDIGER, F. Contra o conexionismo abstrato: réplica a André Lemos. *MATRIZes*, v. 9, n. 2, p. 67-90, jul./dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v9i2p127-142>
- VAN DIJCK, J. Confiamos nos dados? As implicações da datificação para o monitoramento social. *MATRIZes*, v. 11, n. 1, p. 39-59, jan./abr. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i1p39-59>

Maria Immacolata Vassallo de Lopes
Richard Romancini
Paulo Nassar
Maria Aparecida Ferrari
Luciano Guimarães